

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LITERATURA: O GÊNERO LITERÁRIO CONTO FANTÁSTICO NA SALA DE AULA

Sabrina Silva Ferreira (Autor) Mikaelli Santos de Siqueira (Co-autor) Tássia Tavares (Orientador)

*Universidade Federal de Campina Grande sabrinasilvaferreira@hotmail.com;
mikaellisantos_cg5@hotmail.com; tassiatavares@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado em literatura configura-se como uma etapa de extrema importância para o discente, é o momento de colocar em prática todos os conhecimentos literários adquiridos ao longo da formação docente, é o momento de adentrar no campo (escola) e conhecer os objetos (alunos) com que futuramente iremos trabalhar.

O ensino de literatura na escola, infelizmente é uma prática ainda pouco efetivada, e quando se concretiza, o que se percebe é que esta é feita através de uma abordagem um tanto inadequada, utilizada muitas vezes como pretextos para trabalhar exercícios de análise linguística e questões de compreensão e interpretação de texto. Questões essas, que não promovem uma reflexão, nem tão pouco desperta no aluno uma criticidade perante o que Le.

A literatura enquanto objeto de ensino tem como principal função o papel de contribuir para a formação e humanização do leitor literário, assim sendo, cabe ao professor e a escola promover meios e métodos para que o aluno, enquanto sujeito em processo de formação leitora, tenha acesso aos diversos gêneros literários, só assim este desenvolverá o prazer pela literatura e o senso crítico enquanto leitor literário.

Portanto, o presente trabalho faz parte de uma experiência vivenciada no campo do estágio supervisionado em literatura no ensino fundamental, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena localizada em Campina Grande-PB, entre os dias 07 a 27 de abril no período vespertino em uma turma do 9º do Ensino Fundamental.

Atendendo a uma exigência do componente curricular estágio supervisionado em Literatura no Ensino Fundamental, elaboramos e aplicamos uma sequência didática básica proposta por Cosson

(2014) sobre o gênero conto fantástico. Os contos fantásticos trabalhados foram “As formigas” e “A caçada” ambos de autoria de Ligia Fagundes Telles.

A escolha por trabalhar com contos fantásticos justifica-se pelo fato de ser este um gênero que quase não se faz presente na maioria dos manuais de livros didáticos, sendo este muitas vezes o único material de estudo que o aluno tem acesso. Deste modo, objetivamos levar até o aluno este outro universo literário, o fantástico, que por sua vez, segundo Todorov (2004) transfigura a realidade inserindo elementos sobrenaturais no enredo. Despertando, sobretudo, o interesse do leitor pelos elementos reais e irreais que se fundem nas narrativas.

Assim, almejamos que através deste trabalho, possamos juntos refletir sobre as práticas de ensino desenvolvidas nas aulas de “literatura”, e compartilhar as experiências vivenciadas no estágio supervisionado em literatura no ensino fundamental, em um curso de licenciatura em Língua Portuguesa.

REFLEXÃO TEÓRICA

Porque estudar literatura?

Muitas são as discussões a respeito da escolarização da literatura, porque estudar literatura? Qual a sua função enquanto objeto de ensino?

Candido (2004) aponta que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos reorganiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Sendo assim, é perceptível a sua importância enquanto objeto de ensino, pois esta humaniza o homem, o educa na medida em que o torna um ser melhor, sensível, compassivo ao mundo que o cerca.

Os PCN apontam como objetivos para o ensino de Literatura no ensino Fundamental II, a formação do leitor literário e do cidadão. Assim, o que se espera na sala de aula, nas aulas de literatura é que o professor conduza seus alunos para uma formação que o prepare como sujeito crítico/ reflexivo e cidadão.

Portanto, os tratamentos dados ao texto literário, nos PCN, demonstram a importância da leitura literária como forma de elevar o nível de conhecimento acerca do mundo e uma forma de

transgredir padrões e modos de ver a realidade, dando novas possibilidades aos leitores para reinterpretar o mundo atual e os mundos possíveis num jogo de aproximação e afastamento das citações do cotidiano. PCN (1998).

Contudo, o ensino de literatura na escola ainda tem sido feita a partir de uma abordagem de ensino um tanto inadequada, pois na maioria das vezes, as aulas com o texto literário não tem os seus sentidos construídos na interação autor/leitor, seus significados vem pronto de acordo com a concepção abordada no livro didático, ou mesmo pela imposição da perspectiva do professor, que não promove a possibilidade da construção dos sentidos possíveis do texto, limitando e impossibilitando muitas vezes a capacidade de reflexão e criticidade do aluno para com o texto literário.

Como corrobora Soares (2014), ao afirma que a escolarização da literatura tem sido feita frequentemente de maneira inadequada e até mesmo prejudicial, principalmente quando se trata de textos narrativos, não só pelos *pseudotextos* criados, mas pelos recortes feitos em textos literários que dificultam o acesso aos textos na íntegra, o que impossibilita os alunos a terem contato com “as características essenciais da obra” e também com as características essenciais dos gêneros.

Venturelli (2002) faz uma critica a concepção de ensino de literatura que os professores de língua materna possuem. Segundo o autor ensinar literatura, ler textos e obras literárias, discutir sobre esse objeto de ensino, para muitos professores é uma obrigação, não passa de uma tarefa sistematizada determinada pelo currículo. É perceptível na fala do autor, a falta de interesse e motivação dos professores ao ensinar literatura. Como se pode formar leitores literários, se os próprios professores que lecionam a disciplina, não apreciam este objeto de ensino?

Portanto, é preciso haver uma mudança significativa não só no sistema de ensino, que muitas vezes impõem aos professores o que deve ou não ser ensino, mas principalmente uma mudança de mentalidade dos professores de língua portuguesa, é necessário que estes se conscientizem que ensinar língua é tão importante quanto ensinar literatura. E por que não trabalhar estes dois eixos de ensino de forma correlacionados? Vale ressaltar que trabalhar língua e literatura não é utilizar o texto literário para estudar aspectos gramaticais, mas evidenciar no texto os elementos linguísticos que promovem a expressividade, à possibilidade dos múltiplos sentidos do texto. Evidenciando esses fenômenos a favor das especificidades do texto literário e não ao contrário.

Assim, o professor deve por sua vez, ser uma expiração para seu aluno leitor, e este só será, demonstrando o seu prazer pela literatura, e só assim fará com que seu aluno torne-se um apreciador e leitor crítico/reflexivo de literatura.

Deste modo, a literatura enquanto objeto de ensino, fornece ao aluno caminhos para que ele possa construir sua identidade, enquanto leitor, além de torná-lo sujeito “agindo sobre o mundo para transformá-lo e, por meio de sua ação, afirma sua liberdade é fugi à alienação”, como afirma Chiappini (2005). Assim a formação do leitor literário também contribuiria para a formação humana do indivíduo.

O estágio em literatura: Possibilidades e Limites

O processo de ensino-aprendizagem, de um modo geral, é uma questão delicada de se analisar, pois envolve noções que vão além da tríade conteúdo-professor-aluno, apresentando um leque de possibilidades e procedimentos que propiciam essa troca de conhecimentos. Segundo Guimarães (2012), para alunos licenciandos, o aprender a ensinar é algo que começa antes mesmo de ingressarem na universidade, pois as experiências que o indivíduo traz consigo, suas práticas de ensino. Ainda segundo a autora, as aulas, o convívio com professores e colegas, o compartilhamento de leituras teóricas e literárias e as indicações dos autores pelos colegas e professores, fazem parte do caminho que esse futuro professor terá que construir e trilhar.

Nessa perspectiva Guimarães (2012) observa que nos cursos de licenciatura, o estágio supervisionado não é o momento de aprender a ensinar, mas a hora de pôr em prática o que o aluno estagiário sabe sobre ensinar.

O momento do estágio, seja de língua ou de literatura, tem sua importância ainda maior quando o relacionamento entre o aluno estagiário, o professor supervisor do estágio e o professor do campo de estágio tem um relacionamento amistoso, fazendo com que “as práticas da escola de educação básica sejam influenciadas pelas pesquisas universitárias e o ensino e as pesquisas nas universidades sejam alimentados pelos problemas vividos nas escolas” (Guimarães, 2012).

Tratando especificamente do estágio de literatura, alguns desafios e obstáculos perpassam essa atividade pelo fato de que muitas vezes o professor do campo de estágio se prende muito ao ensino da gramática tradicional, limitando muitas vezes o trabalho do estagiário que traz novas metodologias de abordagens do conteúdo e ainda mais quando falamos de literatura. Como aponta

Guimarães (2012) “Em muitos casos o que se tem é um professor no campo de estágio muito envolvido com o ensino da gramática normativa... O aluno-estagiário não encontra, no contato com o professor do campo de estágio, terreno para o desenvolvimento das atividades que pretende e, muitas vezes, desiste do trabalho voltado à leitura literária.

Portanto, o que se percebe é que o estágio ainda é marcado por muitas lacunas que precisam por sua vez, serem revistas e reavaliadas, para que esta etapa do processo de formação discente seja realmente significativa, e não vista como um momento frustrante e sim, como um momento de aprendizagem e de superação das dificuldades encontradas.

Leitura Literária e Ensino de literatura

As práticas de leitura só se tornam efetivas quando o texto provoca efeitos, estranhamento ou impacto no leitor, e este se posiciona de forma crítica reflexiva frente aos textos, fazendo suas inferências e construindo sentidos possíveis. Nesse sentido, faz-se necessário, rever as práticas de ensino do professor de literatura e pensar em metodologias que favoreçam a interação efetiva entre o texto literário e o leitor, de modo que a literatura seja vista como elemento indispensável na formação do jovem enquanto leitor e cidadão.

Para isso, compete à escola dar condições necessárias para que o aluno tenha acesso à leitura, dar ao professor autonomia para que este seja um mediador neste processo de ensino/aprendizagem, realizando este a seleção de textos a serem oferecidos, para que este ensino contemple necessidades e curiosidades dos alunos, levando-o à reflexão e ao desenvolvimento do senso crítico.

Portanto, as aulas de leitura do texto literário em sala de aula precisam estar a serviço não só do currículo, mas também, dos interesses dos alunos, pois não se forma leitores ditando regras e impondo interpretações fechadas, e sim possibilitando ao aluno as múltiplas possibilidades de leitura que só o texto literário permite. Assim como destaca Tolentino (2000), O ensino de literatura é essencialmente leitura. E a leitura aqui entendida não é aquela estéril, que apenas decodifica as letras impressas. A leitura é aquela que gera discussão e envolvimento como texto, que propicia um ambiente de análise e descontração.

O trabalho com os gêneros literários

O professor enquanto mediador do processo ensino/aprendizagem deve promover o acesso do aluno aos diferentes gêneros literários existente, deve possibilitar o acesso à leitura de textos maiores como as obras literárias, até a leitura de textos mais curtos, como os poemas, contos, crônicas etc. só assim este conhecerá essa linguagem tão expressiva que é a literatura.

Trabalhar literatura sob a perspectiva dos gêneros literários possibilita ao aluno melhor compreensão e familiaridade com a leitura do texto e com os elementos que o enquadram em um determinado gênero. Contudo, Vale salientar, que vários autores criticam a abordagem do texto literário sob a perspectiva dos gêneros literários, pelo fato de que muitos professores limitam-se em trabalhar aspectos composicionais e estruturais do texto, e esquecem de trabalhar a leitura propriamente dita do texto.

Portanto, o foco do trabalho com o texto literário deve ser sempre a leitura e apreciação do texto, os elementos estruturais e organizacionais do texto são elementos importantes e devem ser trabalhados sim em sala de aula, mas em um segundo plano, primeiro deve-se ler e contemplar o texto, atentando para as múltiplas possibilidades de leitura, promovendo o posicionamento crítico do aluno, para, por conseguinte trabalhar os aspectos estruturais e composicionais, sempre buscando levar o aluno a compreender o que esses elementos proporcionam ao texto e não o trabalhando de forma descontextualizada.

A formação do leitor de textos literários: numa proposta de letramento

Cosson (2014) afirma que se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da Literatura não basta apenas ensinar ler. Segundo o autor, a nossa capacidade de leitura depende daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura, assim a literatura deve ser encarado pelos professores e pela a sociedade de um modo geral, como um objeto de ensino primordial para a formação crítica do ser humano.

Segundo Cosson (2014) “por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.” Portanto, na escola, o professor deve promover metodologias a fim de que, os alunos compartilhem a interpretação de suas leituras e ampliem os sentidos construídos individualmente. Trabalhar em uma perspectiva do letramento, não basta apenas ensinar o aluno a ser “ledor”; a simples leitura, muito pouco contribui. Assim, a competência leitora depende, em grande parte, do modo de ensinar e de aprender na escola.

A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizem a nós mesmos. Cosson (2014).

Nesse sentido, apresentaremos a seguir, um recorte das atividades desenvolvidas no campo do estágio supervisionado sob a perspectiva do letramento literário.

Breve recorte do plano de atividades didáticas desenvolvidas no campo de estágio supervisionado em literatura.

A sequência básica desenvolvida no campo do estágio supervisionado em literatura foi constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Proposto por Cosson (2014).

Iniciamos a sequência realizando uma breve apresentação sobre nós e o porquê de estarmos ali. Explanamos o conteúdo que iríamos trabalhar com eles e em seguida realizamos alguns questionamentos como: O que são contos? Vocês conhecem algum conto? Qual (is)? E o que são contos fantásticos? Já ouviram falar? Qual a diferença entre os contos que vocês conhecem e os contos fantásticos? Já leram algum? Qual (is)?

A turma foi bastante participativa e as respostas foram as mais diversas, citaremos apenas algumas.

Aluno 1: um conto é uma história;

Aluno2: é um texto que tem um final inusitado;

Aluno3: é uma narrativa que tem personagens;

Aluno4: conto fantástico é uma história fictícia;

Aluno5: é um texto de aventura e magia;

Após as respostas apresentadas pelos alunos explicamos para a turma o que é um conto e como se configura um conto fantástico. Em seguida como etapa motivacional colocamos na lousa o título do conto “as formigas” e realizamos alguns questionamentos como: a partir da leitura do

título o que vocês acham que a narrativa aborda? O que são formigas? O que fazem as formigas? Qual a importância da formiga no meio ambiente? O que esperam de um conto fantástico com o título “*As formigas*”? A fim de despertar o interesse dos alunos pela narrativa a partir do levantamento de hipóteses.

Na introdução realizamos uma breve contextualização da autora Ligia Fagundes Telles,

Na etapa da leitura, solicitamos aos alunos que eles formassem um círculo, e realizamos a leitura propriamente dita do conto. Após a leitura discutimos as hipóteses levantadas pelos alunos a respeito do título do conto e discutimos as primeiras impressões que eles tiveram oralmente sobre o conto.

Entregamos aos alunos o conto sem o seu final, solicitando que após a leitura formassem pequenos grupos para produzirem um pequeno desfecho alternativo para aquela narrativa, a fim de proporcionar o compartilhamento das impressões iniciais que os alunos obtiveram da leitura.

Antes de apresentarmos as respostas apresentadas pelos alunos, apresentaremos um breve resumo do conto.

O conto “*As formigas*” de Ligia Fagundes Telles conta a história de duas primas universitárias que se mudam para uma pensão. Uma estudante de medicina e outra de direito. A dona da pensão é uma velha um tanto misteriosa, que oferece para as duas garotas um quarto em que antigo morador deixou lá um caixote com uns ossos guardados. A estudante de Medicina se interessa em abrir e ver, principalmente depois que descobre que o esqueleto é um artigo raro já que pertencia a um anão. Durante a noite, o quarto é tomado por um cheiro de bolor e por uma invasão de formigas que não se sabe de onde vem e que tomam o recipiente onde estão guardados os ossos, embaixo da cama da garota. As garotas percebem que o anão está sendo montado, mas não sabem por quem, desconfiam que sejam as formigas e passam as noites observando, mas acabam sempre dormindo, contudo, quando percebem que é o anão realmente está sendo montado pelas formigas saem da pensão correndo deixando tudo para trás.

Após a produção do desfecho alternativo, promovemos um debate solicitando que um dos alunos de cada grupo lesse oralmente para toda a turma o desfecho alternativo elaborados por eles. Os desfechos produzidos pelos alunos tiveram finais bem diversificados, citamos alguns:

Grupo 1: O esqueleto do anão estava sendo montado pelas formigas;

Grupo2: O esqueleto do anão estava sendo montado pela a estudante de medicina;

Grupo3: O esqueleto estava sendo montado pela velha balofa;

Grupo 4: O esqueleto não estava sendo montado por ninguém as estudantes era que estava vendo coisas por causa do medo;

Após a apresentação do desfecho dos alunos, entregamos para eles uma cópia do real desfecho da narrativa de “as formigas”. Realizamos a leitura e analisamos qual dos desfechos produzido pelos alunos mais se aproximou do desfecho da narrativa.

Após essa etapa, discutimos o conto propriamente dito atentando primeiramente para os aspectos que compõem a narrativa: realizamos um levantamento das características das personagens principais do conto, observando se essas características contribuíam ou não para o mistério e o fantástico do conto.

Em seguida identificamos os momentos da narrativa (situação inicial, complicação, conflito e desfecho, enredo); discutimos coletivamente sobre o conflito da história e suas implicações, sempre buscando correlacionar esses elementos ao conceito de fantástico e mistério.

Atentando para a descrição do espaço, o conflito gerador do clima de mistério etc. a fim de que os alunos compreendessem por meio desses elementos constitutivos do conto o porquê deste conto se caracterizar como um conto de mistério/fantástico.

Em outro momento, explicamos para a turma que íamos fazer uma leitura de outro conto da mesma autora cujo título do conto era “A caçada”.

O conto “A caçada” de Ligia Fagundes Telles conta a história de um homem que vai todos os dias a uma loja de antiguidades cuja dona é um velha um tanto misteriosa. O homem se encanta por uma velha tapeçaria, e ao observá-la se ver dentro da peça, contudo, não consegue entender se é a caça ou o caçador. O momento mais surpreendente da narrativa e quando esta chega ao fim, não se sabe se o homem morreu de uma flechada ou se morreu de um ataque do coração.

A partir do título realizamos alguns questionamentos como etapa motivacional: A partir da leitura do título o que vocês acham que a narrativa aborda? O que é caçada?O que esperam de um conto fantástico com o título “A caçada”?



Aluno1: fala de uma história de um caçador

Aluno2: é uma história entre um caçador e a caça

Aluno3: é um texto em que um homem é caçado por um animal

Aluno4: é uma história de um caçador que mata um lobo

Após as respostas apresentadas pelos alunos, realizamos a leitura propriamente dita do conto a fim de confirmar ou desmistificar as hipóteses levantadas pelos alunos na pré-leitura.

Em seguida discutimos o desfecho da narrativa, qual o posicionamento do aluno acerca do fim da narrativa?

Alguns alunos acreditam que o homem foi morto pela flechada sob a justificativa de que em um conto fantástico tudo é possível, outros acreditam que ele morreu de um ataque cardíaco sob a justificativa de que ele estava ficando louco por conta da ficção pela tapeçaria.

Para finalizar a sequência didática promovemos uma discussão oral acerca dos contos lidos em sala, buscando fundamentar através dos elementos constitutivos do conto o conceito e as peculiares que caracterizam um conto fantástico.

A partir de alguns questionamentos como:

No conto “as formigas” que elementos proporcionam o mistério, a fantasia?

Quem são os personagens do conto “as formigas”? Como esses personagens são caracterizados? Essa caracterização dos personagens contribui para o clima de mistério da narrativa?

Como o ambiente do conto é caracterizado? Essa caracterização do ambiente onde os fatos ocorreram contribui para o clima de mistério da narrativa?

Que elementos presentes no conto A caçada de Telles proporcionam o mistério, o fantástico?

Em “A Caçada” a história é ambientada predominantemente onde? Como esse ambiente é caracterizado? Essa caracterização do ambiente onde os fatos ocorreram contribui para o clima de mistério da narrativa.

Considerações Finais

Pensar na docência pela perspectiva do trabalho é compreender que o trabalho desenvolvido pelo professor, não se restringe ao que ele realiza dentro da sala de aula, vai muito além da transmissão de saberes e do compartilhamento de conhecimentos, é um trabalho que requer planejamento, reflexão. Planejar que conteúdo ministrar e como ministrar. Nesse sentido, acreditamos que nosso objetivo de ensino foi atingido, e até mesmo superado, tendo em vista que o que se planeja enquanto sequência de atividades didáticas pode se modificar no decorrer do seu desenvolvimento, por ser este um processo flexível a mudanças, e não um procedimento engessado, tendo em vista os vários fatores que devem e merecem ser levados em conta, como as especificidades da turma (dificuldades e avanços).

No entanto, a turma a qual desenvolvemos e aplicamos a sequência básica foi bastante receptiva a nossa proposta metodológica, não havendo necessidade de modificações do que havíamos planejado para desenvolver na turma do 9º do ensino fundamental. Haja vista serem alunos que demonstraram um bom desempenho em leitura literária. Deste modo, acreditamos que todo o processo vivenciado neste estágio em literatura foi extremamente importante para nossa formação docente, pois verificamos que o estágio nos possibilita colocar em prática os saberes adquiridos ao longo da nossa formação docente, e vivenciar na prática os desafios e lacunas que acometem a profissão, fazendo-nos refletir sobre nossas práticas metodologias de ensino, na perspectiva de realizar um trabalho significativo em sala de aula.

Referencias Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília, 1998.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos.** 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CHIAPPINI, L. **Reinvenção da catedral:** língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A.M.; BRANDÃO, H. M.B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **Escolarização da leitura literária**. 2º. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TOLENTINO, A. B. “Leitura e literatura: uma reflexão”. In: _____. LONTRA, H. (Org.). **CEU nº 5 - Questões de Leitura, escola e prazer**. Brasília: CESPE/UnB, 2000.

GUIMARÃES, R. B. J. O estágio curricular no curso de Letras: o desafio de ensinar a ensinar Literatura. In: MILREU, I.; RODRIGUES, M. C. (Orgs.). *Ensino de língua e literatura: políticas, práticas e projetos*. Campina Grande; Bagagem/UFCG, 2012.

VENTURELLI, P. **A leitura do literário como prática política**. In: Revista Letras, Curitiba. 2002.